

30-07-2020

Nota de Suicídio

Dália Virna

[COLMEIA – Coletivo de Mulheres Emancipadas, Incansáveis e Abelhudas]

Não conheço alguém que espere a morte por suicídio de alguém próximo. Faz um mês. Pensei em escrever para os pais de meu amigo morto. Desisti. Achei que não iria amenizar a dor deles. Pensei em levar para o meu coletivo de mulheres a notícia como proposta de tema sobre a violência de gênero. Desisti. Seria mexer com meus sentimentos e esse já é um tema relativamente frequente nos movimentos que lutam contra a violência doméstica e o assédio, inclusive no trabalho. Suicídio em mulheres violentadas não é incomum. E, além disso, ele era meu amigo, homem, heterossexual, parceiro de nossas lutas. Sua namorada era próxima do movimento. Não caberia esse assunto. Levei para minha terapeuta, hoje bastante eventual, desde a minha “alta” há alguns anos.

Perguntei-lhe o que fazer com essa notícia que me sufoca? Sabedora de que gosto de escrever, ela me disse: *Escreva!* Mas escrever para quem, escrever o quê? Faz um mês. Acostumada a ver o drama de mulheres violentadas e assassinadas, achei que o suicídio de meu amigo me entristeceria muito, mas não tão profundamente, a ponto de não sair da minha cabeça. Há um mês convivo com a palavra na minha cabeça. Fui ler. Se há uma coisa que você lê e não conclui é essa. A ciência não explica, a religião não justifica, a filosofia não mostra as razões...

O que será essa opção pela sua própria “solução final”? Quando ouvi, há muitos anos, pela primeira vez a música [Alfonsina y el mar](#), de Ariel Ramirez e Félix Luna, cantada por Mercedes Sosa, uma amiga me contou uma história... Suíça, radicada na Argentina desde criança, Alfonsina Storni é considerada uma das maiores poetisas argentinas. Em 1938, aos 46 anos, suicidou-se atirando-se ao mar. Três dias antes de partir, enviou para um jornal o soneto “Voy a dormir” (Vou dormir). Nos dois últimos versos ela adverte: *si él llama nuevamente por teléfono le dices que no insista, que he salido... (se ele chamar novamente ao telefone, diga-lhe que não insista, que eu saí.)*

.....

Ana Cristina César suicidou-se em 1983, aos 31 anos. Poeta, crítica literária e professora era considerada uma das principais presenças da poesia marginal da década de ‘70. Uma chamada geração mimeógrafo, então, nascia, em plena ditadura militar com todas as restrições e censura.

A difusão cultural de todos os tipos era perseguida implacavelmente pela censura, mas a criatividade humana se reinventa. Foi assim que o movimento alternativo de resistência poética e literária foi criado, na marginalidade e nas barbas do arbítrio.

Fagulha

Ana Cristina César

Abri curiosa o céu.

Assim, afastando de leve as cortinas.

Eu queria entrar, coração ante coração,
inteiriça ou pelo menos mover-me um pouco,
com aquela parcimônia que caracterizava
as agitações me chamando

Eu queria até mesmo saber ver,
e num movimento redondo

como as ondas que me circundavam, invisíveis,
abraçar com as retinas cada pedacinho de matéria
viva. Eu queria (só) perceber o invisível
no levíssimo que sobrevoava.

Eu queria apanhar uma braçada
do infinito em luz que a mim se misturava.

Eu queria captar o impercebido nos momentos
mínimos do espaço nu e cheio
Eu queria ao menos manter descerradas as cortinas
na impossibilidade de tangê-las
Eu não sabia que virar pelo avesso
era uma experiência mortal.

[Ana Cristina Cesar, em “A teus pés”. São Paulo: Brasiliense, 1982]

.....

Vitor era o nome de meu amigo morto que não deixou algo escrito. Pois ao ver os 26 poetas da [geração mimeógrafo](#) retratados em livro por Heloísa Buarque de Holanda, em 1975, estava lá Torquato Neto. Eu já o conhecia, especialmente por sua música com Edu Lobo [P’ra dizer Adeus](#). No dia 10/11/1972, um dia após fazer 28 anos Torquato se matou. Meu amigo morto tinha 27 anos, ia fazer 28 esse mês. O nome Vitor termina pelo início do nome de Torquato. Não é possível que não tenha sentido essa coincidência.

Da [nota de suicídio](#) de Torquato extraí apenas palavras... *"FICO. Não consigo acompanhar a marcha do progresso de minha mulher... FICO sossegado por aqui mesmo enquanto dure. Ana é uma SANTA de véu e grinalda com um palhaço empacotado ao lado. ... e é por isso que eu FICO e vou ficando por causa deste amor. Pra mim chega! Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar."* Thiago era o filho de dois anos de Torquato Neto. Torquato ficou. Vitor fica.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.